

Aqui, Lisboa!

«Espera-se que a pequenina grei dos Padres da Rua vá aumentando. Que não venha jamais nenhum a fugir à cruz, mas sim e somente a procurá-la. Adauge dolorem!» (Pai Américo).

Passa amanhã o Dia Mundial da Oração pelas Vocações. A propósito dirigiu o Santo Padre a sua habitual mensagem, «com a alma cheia de júbilo e esperança», ao assinalar «um aumento visível daqueles que são admitidos ao sacerdócio ou exprimem o desejo de seguir a Cristo na vida dos conselhos evangélicos». O Papa termina com uma oração fervorosa a Maria, Rainha das Vocações, depois de ter afirmado, a certo passo: «Todo o chamado que levanta o olhar para Maria, encontra n'ela um modelo perfeito no conhecer o plano de Deus; no colocar-se, com ânimo decidido, a seguir o Senhor segundo a Sua vontade; no aceitar com humildade e alegria os sacrifícios que exigem esta sua escolha de serviço e de amor».

Também a Obra da Rua precisa de consagrados, sacerdotes, e leigos, que se disponham a servir esta parcela do Reino com todo o empenhamento,

até porque as necessidades aumentam e aqueles que nela mourejam vão ficando cansados ou vêm chegar o termo da vida. «Muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos», diz-se nos Evangelhos. Porquê? Apenas porque se procura «fugir à cruz», perseguindo o fácil e recusando o sacrifício e a dor, em oposição àquilo que o Mestre viveu no alto do Calvário para redenção do homem.

Nunca Pai Américo iludiu ninguém. A vida dos padres da Obra, pela sua exigência de dedicação, na totalidade do ser e agir, implica uma entrega incondicional. «Eles são servos de Deus», escreveu. Pelas «dores» do percurso «chega-se mais depressa à contemplação do Homem das Dores, que levou a vida mortal a servir». Assim como Ele, também os «Padres da Rua». Se alguém tem ilusões, que as perca. Não há aqui masoquismo ou coisa similar, mas apenas a alegria de servir a Deus e ao Próximo, para lá das debilidades naturais à condição humana. Jesus é o nosso Mestre e Senhor, sem calculismos ou interesses à maneira do mundo.

Fazemos nossas as palavras finais da mensagem do Papa,

dirigidas a Maria, Mãe da Igreja: «Que muitos homens e mulheres saibam sentir ainda hoje a Voz convidativa do Vosso Filho: «Segue-me!» Fazei que encontrem a coragem de deixar as suas famílias, as suas ocupações, as suas esperanças terrenas e sigam Cristo no caminho por Ele traçado». E terminamos com Pai Américo: «Senhor do Evangelho, Rei Imortal dos séculos, escolhei, chamai apóstolos desprendidos e mandai-os pelo mundo fora ensinar aos homens o Vosso Mandamento».

FESTAS

Os ensaios continuam e no dia 8 de Maio, pelas 10 h. e 45 m., estaremos no Império. Entretanto, tudo se conjuga para que, nos dias 21 e 22, de tarde, marquemos encontro em Loures e Torres Vedras.

Os bilhetes para Lisboa estão já à venda nos locais costumeiros: Franco Gravador, Rua da Vitória, 40, tel. 361406; Lar do Gaiato, Rua Ricardo Espírito Santo, 8, r/c-Dto, tel. 666333; Maison Louvre, Rossio, 106, tel. 328619; Montepio Geral, R. do Carmo, 62-2.º, tel. 372162; Ourivesaria 13, Rua da Palma, 13, tel. 861939.

Padre Luiz

Notas da Quinzena

Estas notas são escritas, pela noite dentro, no fim de mais um domingo. Muita gente. Carros, em fila, ao longo das ruas da nossa Aldeia. O chefe dos cicerones mais os ditos não têm mãos a medir para receber as pessoas e acompanhá-las, quando cumprem o seu dever.

Mas estes dias trazem-nos muitas aflições, também. Vou falar delas. Agora, da que me parece mais grave, pela frequência e pelo mal que fica semeado. Tenho medo do mundo. Ele tem muita força. Se nos apanha desprevenidos, pode matar o bem que vamos plantando no coração destes filhos que nos foram confiados.

Pai Américo chamou às Casas do Gaiato — Santuário de almas. Por amor delas se queimou e nos deixou o mandato de fazer como ele. São lugares de respeito!

A Aldeia é bonita. Tem recantos bem cuidados por mão de mestre e apetecidos. Mais poderia ter para repouso e deleite saudável de quem nos visita. Mas há abusos cometidos,

em geral, por gente estranha. Quero denunciá-los. Pares de «namorados» — se é que merecem este nome — estragam o ambiente com suas maneiras, indecentes em qualquer parte. Aproveitam esses recantos como se estivessem na praça pública. Sem o mínimo de vergonha ou pudor. Como se as regras da Moral mudassem, ao sabor do que se vê, ouve e escreve. Não! Só temos uma Lei Moral. São os dez Mandamentos. Por Ela nos guiamos, como único caminho seguro, na educação integral daqueles a quem servimos. Arrancámo-los à miséria. Desenterrámo-los do «lixo». São, agora, o centro das atenções de Portugal. Queremos preservá-los da imundície. Não os guardamos em redomas. A Porta Aberta é e continuará a ser. A televisão entra com seus programas (alguns degradantes) e devassa a intimidade do nosso Lar. As revistas (algumas) são tentadoras e levam à queda. Sim. Vivemos neste mundo, como todos os pais e filhos, mas

Cont. na 4.ª pág.

SETÚBAL

Sexta-Feira Santa calhou, este ano, no dia um de Abril. Pelo acontecimento que se celebra, é, por natureza, um dia de luto e de trevas.

Como a semana tinha sido puxada, com noitadas seguidas a confessar, a rogo dos Párcos, e como era feriado; levantámo-nos uma hora mais tarde.

A manhã surgiu clara e os passarinhos saudavam-na em gorjeios intermináveis.

A janela do quarto dá para o eucaliptal que protege as tra-seiras da nossa Casa, facilitando-me o aurir matutino, fresco e radioso.

Estava quase pronto, com a cama feita, mas ainda descalço, quando batem à porta.

Insistem: — Sepacilo (eu), dá licença? — Entre, faz favor — repliquei, enquanto enfiava as meias. Era o José Carlos, um dos «Colégios».

— Venha ao telefone, diz-me, serenamente, já dentro do quarto.

— A quem? — pergunto, como de costume.

— Ao senhor Padre Luiz. Fiquei assustado. O Padre Luiz nunca me telefona de manhã. Algo imprevisto aconteceu, no Tojal.

— Quem atendeu? — continuei.

— Foi a senhora. Ela é que mandou chamá-lo.

Cont. na 4.ª pág.



A nossa Aldeia é bonita. Tem recantos bem cuidados por mão de mestre.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Vem por aí acima sem destino — como um *marginal*. Por fim, assenta arraiais em terras de Entre-Douro-e-Minho. Uma família bota logo a mão; outra, dá guarida (precária). É sociável!

As últimas chuvas incomodaram-no: — *A água entra por aqui... e gosto muito das minhas coisas arrumadas!*

Acrescentámos com os nossos botões: e dormir com o mínimo d'aconchego. Estava num barraco!

O recoveiro dos Pobres topa-o assiduamente e partilha a generosidade dos Leitores. Sente-se acarinhado: — *Já tenho serviço todos os dias... Promoção social!*

Desde o princípio pôs-se a questão duma habitação capaz: o Património dos Pobres é para os sem-casa. Surge uma delas, vaga. A Mãe Igreja dá guarida. Curioso: uma moradia com o nome dum ilustre vimaranense, cujo valor deu ao Pai Américo quando erguia as primeiras casas do Património dos Pobres.

Tem um quarto, cozinha, lareira com trasfogueiro — e luz eléctrica. Recentemente melhorada, lembrámos aqueles tempos que inflamaram o coração de tantos portugueses, pelo Fogo que ardia na alma de Pai Américo.

Ao dar a boa nova, os olhos do nosso amigo transformaram-se. Abre a boca, espantado. Ciranda como uma borboleta. E dá graças a Deus.

Marcámos dia e hora de mudança. Enche um saco de roupa — fato, camisas, calças, camisolas... — para a mudança ser completa.

Hoje, sábado de Pascoela, é a sua grande Páscoa. Feliz! Radiante!

Pega na vassoura. Arruma o pequeno bragal. Pinta a cama, de ferro. Prepara a cozinha: — *Uma rica lareira! Mexe no interruptor: — Tenho luz eléctrica!*

Encontra o seu mundo. Vive a Resurreição!

PARTILHA — *«Pensei mandar antes da Páscoa o cheque para os vossos Pobres», diz a assinante 25660, de Vila Nova de Gaia; «mas descuidei-me». O sentido dos Outros que precisam, aqui bem expresso! E como a sua alma é grande, não se confina aos limites do finito, segue para o Infinito: «Peço uma oração pela alma de uma pessoa muito querida que recente e inesperadamente nos deixou» — e está na Casa do Pai do Céu.*

Um vale de correio, «no valor de 2.500\$00», da assinante 29845, «para ajudarem alguém verdadeiramente necessitado». Aquele verdadeiramente tem muita força e revela sentido de justiça!

«A habitual contribuição» da assinante 20856, do Espinho, «referente ao primeiro semestre de 1988». Perseverança!

«Maria de Portugal», tocada pela Morte e Ressurreição de Cristo, desabafa: «Para beijar menos indignamente a Cruz de Cristo, beijo as chagas de um irmão Pobre a quem essa nota vá aliviar um pouco. Os livros de Pai Américo e O GAIATO deixam-me a «sangrar». O último jornal que recebi

vinha cheio de «setas». Que pena sermos tão maus cristãos!»

O casal-assinante 23311 também aparece, de vez em quando. Agora, com «2.000\$00 para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». O mesmo, da assinante 26152, na Foz do Douro, d'olhos para o Atlântico, com um voto: «São para uma necessidade mais urgente da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

O assinante 14473 põe contas em ordem, nas edições d'O GAIATO e livros, mas «se acharem que pode sobrar uma migalha daquilo que, por direito, pertence à Editorial, dêem ao remanescente um destino «vicentino».

Mais dois contos do assinante 27527, de Viseu. Três, da assinante 9792, de Guimarães, «em sufrágio dos meus familiares». Vinte rands, de Umbilo (África do Sul). Não falha! «Um pouquinho mais» de Durban, assinante 9313, «destinado à maior urgência do momento». Esta preocupação pelos mais pobres dos Pobres, é admirável!

Um conto de réis, da assinante 11162, do Porto, que aparece assiduamente. Que dizer daquela remessa, oportuníssima, vinda da Rua dos Bombeiros Portugueses, em Faro!? Delicadeza!

Mais 3.500\$00, de Ponte do Gôve, com a amizade de sempre. «Por uma promessa que fiz», a assinante 27063 manda um cheque. Boas melhoras!

O costume da assinante 19177, do Porto. Algueirão, 2.500\$00 para «uma senhora idosa e doente, referentes aos meses de Março e Abril, desta vez acrescidos de 1.000\$00 para que tenha uma Páscoa um pouquinho mais feliz».

Quatrocentos escudos da assinante 23778, da Covilhã. Um abrir de mãos e de coração: cheque da assinante 31104, com os seus votos, expressos religiosamente. Deus a ajude!

«Uma portuense qualquer» testemunha, a seu modo, todas as motivações da Páscoa, inclusivé a pequenez de todos os mortais para, assim, melhor amarmos o nosso Mestre e Senhor Jesus — na pessoa dos Pobres.

Retribuímos, de coração nas mãos, as saudações da quadra festiva, com um muito obrigado em nome dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

SENHORAS — Pelas quintas-feiras de cada semana vem um grupo de senhoras, de Miranda do Corvo, costurar ou remendar a roupa, que é bastante.

Temos fé que este tipo de serviço (gratuito) não morrerá aqui, em Miranda do Corvo, como em Coimbra — no nosso Lar.

Há outro serviço, permanente e mais exigente. Só apostando é que se lhe dá o sentido: Precisamos de senhoras que sejam Mães e substituíam as que nos deram a luz...

PASCOA — Vivemos a Festa, com preparação espiritual na Semana Santa. Quarta-Feira, Celebração Penitencial; Quinta-Feira, Ceia Pascal — Eucarística; Sexta-Feira, Via-Sacra;

Sábado, Vigília Pascal na Igreja da Paróquia.

O nosso amigo (familiar) sr. D. Manuel Pelino, Bispo-Auxiliar do Porto, quis celebrar conosco o Domingo de Páscoa...

Deixou a sua palavra que nos ajudou a centrarmo-nos no sentido humano-espiritual da Quaresma, da Páscoa, em relação ao nosso crescimento. Em síntese, deixou esta ideia: «É necessário crescer na responsabilidade e obediência ao nosso dever e conjugá-las com a caridade fraterna».

Guido

Tojal

FESTAS — Subo ao salão e lá está o Paulo Renato orientando os artistas para o grande acontecimento: as nossas Festas! Os ensaios prometem! Não digo mais. No dia 8 de Maio, apresentamos a Festa no Cinema Império, em Lisboa. Estejam, pois, atentos aos pormenores. O Paulo diz que estão a dar o seu contributo para que seja um momento de convívio e de alegria.

Vou para o meu quarto, pego num jornal e entretenho-me a ler. Qual o meu espanto!: Domingo de Ramos, «Dia Mundial da Juventude». Ramos, flores!

Sei que, a meu lado, vivem tantos jovens a serem «aplaudidos» com o slogan: «Crucifica-O!, crucifica-O!» São os jovens que perdem o sentido da vida!

Ligo o rádio e, entre música, «Ventos de Mudança»: «Dê a mão ao Próximo. Abra os olhos e o coração para os Outros».

José Manuel dos Anjos Nunes

Paço de Sousa

AINDA A PASCOA — Tudo correu bem, antes do grande acontecimento. Houve uma preparação prévia em que a Casa andou um pouco mais calma, proporcionando uma retrospectiva interior a cada um de nós.

Depois, a festa com todos os atractivos, nomeadamente, amêndoas e pão-de-ló.

Um dia em cheio, terminando com a vinda do Compasso.

OBRAS — Continuam, em bom ritmo, as obras da nova Tipografia.

O trabalho, por vezes, torna-se um problema... Desta vez, o «Reinaldo» excedeu-se, num momento de maior fraqueza, contra o seu mestre.

A ingratidão do rapaz que não sabe aprender com a experiência do seu mestre!

Foi a tribunal, sendo punido, publicamente, para servir de exemplo à Comunidade.

ESCOLA — Terminadas que são as férias da Páscoa, recomeçaram as aulas.

Vamos controlar os ânimos para

se poder passar o ano lectivo, principal objectivo a atingir.

Com algumas negativas, podemos considerar as notas, a nível geral, positivas. Constatase que, por lá, há poucos «burros».

Pires

Conferência do Lar do Porto

Casa para a família de Miragaia conforme o apelo feito pelo nosso casal vicentino e pelo Padre Telmo, na última crónica.

Foram dezenas de amigos que responderam ao apelo. Cartas cheias de carinho com lições de Evangelho. Verdadeiros testemunhos de amor cristão.

Eis:

De Helena, de Cascais: «Mando uma pequena oferta para a Conferência de S. Francisco de Assis, Lar do Porto — Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto, para essa família que nada tem. É a minha renúncia da Quaresma».

De J. C.: «Venho sonhar convosco. Vamos pelos prados — embora o meu cavalo fogoso seja pequeno — descobrir a Primavera», 5.000\$00. Da Irmã Angela, 1.000\$00. De Ercília Saraiva, 9.000\$00. Um leitor de O GAIATO, 1.000\$00. Mais 2.000\$00 para a Conferência do Porto. Assinante 35019, 2.000\$00. Margarida, «para umas telhas da casinha que programam construir», 5.000\$00. De Lisboa, C. F. R. Alves, 2.000\$00. Assinante 23976, 5.000\$00. M. Dias com 1.000\$00. De um casal que quer ficar no anonimato, 5.000\$00. Amiga, de Pinheiro de Loures: «Fiquei contente por ver o vosso apelo n'O GAIATO. Que nele esteja a luz que ilumine muitos leitores para que a casa dos nossos irmãos venha a ser, o mais breve possível, o ninho a que têm direito», com 10.000\$00. De J. S., 5.000\$. M. F. Ferreira, 4.000\$00. Carolina A. Cunha, 500\$00. Assinante 29844, 5.000\$00. Amiga, de Fiães, com 5.000\$. Mais 10.000\$00, de Leiria. Porto, M. B. P.

Mota com 50.000\$00. Anónima: «Só Ele deve saber desta migalha», 6.000\$00. Anónima, de Abrantes, 50.000\$00. Da Conferência Feminina de Cucujães, pela mão do senhor Padre Vaz, 3.000\$00. De M. J. Lima, 10.000\$00. A. M. Barbosa 1.000\$. Assinante 7025, com 5.000\$00. Mais 2.000\$00, de Eirado — Aguiar da Beira. De J. A. Eça, 10.000\$00. Uma assinante com 1.000\$00. Coimbra: «Vou associar-me ao vosso gesto de amor e carinho» com 2.500\$00. Braga: A. V. Matos com 1.500\$00. De Emília Fátima, entregue no nosso Lar, 2.000\$00. Da nossa assinante 4389, 10.000\$00. Entregue no Lar do Porto: anónima, 9.000\$00. Do Porto, que pede anonimato, 5.000\$00. Grupo dos Amigos D. António Barroso, 9.000\$00. Assinante 26271, com 5.000\$00. Mais 500\$00 de quem ama os Pobres. Uma gota para a casa da família de Miragaia, 20.000\$00. M. M.: «É o sonho é tão lindo, que gostaria de me associar a eles» com 5.000\$00. «Uma santa Páscoa para todos e uma Primavera cheia de flores para embelezar as futuras casas daqueles que ainda acreditam em sonhos», da assinante 22371, com 50.000\$00.

De Belmira Antunes «para aliviar essa pobre família do prédio em ruínas, de Miragaia», 5.000\$00. De duas amigas J. M. e M. Cruz, 6.000\$00. De Helena: «É tão bom sonhar com coisas belas e a vida nem sempre nos deixa fazê-lo», 60.000\$00. De Cerdeira: «Venho sonhar convosco, um sonho pequenino», com 50.000\$00. De Maria Antónia, Maxial, «para a família de Miragaia, 10.000\$00. Mais uma amiga e sua irmã, 1.500\$00. Mais 5.000\$00 para ajuda dos primeiros tijolos. Assinante 33433, 1.000\$00. De Cortegaça, Maria F. Silva, 5.000\$00. De Almada: «Também eu quero sonhar convosco e quero descobrir a Primavera». Assinante 9822 com 7.800\$00. Porto: «Que Deus vos ajude e permita que em breve vejam a pobre família bem albergada», assinante 113 e amiga, com 100.000\$00. Do assinante 6333, 30.000\$00.

Que Deus recompense a todos pela ajuda à família de Miragaia.

José Alves

TRIBUNA DE COIMBRA

Vimos partilhar algumas amêndoas docinhas que nos ofereceram, antes e depois da Páscoa: Envelope com cinquenta, da Covilhã; mil, de Alcains; mil e quinhentos, a vendedores em Leiria; 2.500\$, da Auto-Industrial; 1.600\$00, do Salão Azul; mil, a vendedores; cem mil, de vizinho agora a viver em Lisboa; cinco mil, de vizinha; novecentos, de Amigos da Unacel; 7.500\$00 de casal, do Avelar, que vem todos os anos; dez mil, levados ao nosso Lar; mil e o mesmo e -metade da Lousã; mil, em carta; dois mil, a recordar o marido e o filho; 10.500\$00 de Alunos e Professores do Colégio de S. Teotónio e muitos mimos.



AGORA

É uma carta de Lisboa, datada de 19 de Fevereiro, que me lembra a derradeira saída desta notícia, vão lá quatro meses bem passados: «A leitura do último número de O GAIATO despertou a minha consciência para o dever que todos temos de ajudar aqueles que não têm casa e precisam do nosso auxílio para a construir com o suor do seu trabalho».

Ora aí está: despertar as consciências é fundamental missão do **Famoso**, pelo que não podemos calar longamente este importante tema — «os que não têm casa» — pois quem não aparece, arrisca-se a ser esquecido.

Esta leitora, da Av. Visconde Valmor manda cem contos. E, logo atrás, vem a Assinante 113, do Porto, com cheque de setenta para repartir por Calvário, Conferência de S. Vicente de

Paulo e Autoconstrução, pois «dividir faz parte da minha caminhada quaresmal e eu não queria morrer sem ter assegurado uma habitação a quem a não tiver». Por isso esta nossa Assinante não caminha apenas na Quaresma, mas sempre; e volta e meia passa à nossa porta e bate. Por quantas outras não passará?... Só Deus sabe! Feliz!

«Um velho médico rural acaba de ler **Agora** no último número» e manda 10 contos que «ainda restavam do que tinha destinado a distribuir».

A Assinante 26306 «gostaria de começar o ano contribuindo com vinte e cinco contos para ajuda a um Autoconstrutor». E do condicional ao pretérito perfeito foi um ápice: começou mesmo o ano da melhor maneira!

Outra vez Lisboa, a Assinan-

te 31082, com este voto a acompanhar vale de cem mil: «Que o donativo vá servir de alívio e de conforto e de paz a alguém que precisa dele. Não importa quem, porque esse alguém é meu irmão mais pobre e é para ele a prenda mais cara do meu Natal».

Mas de antes da quadra natalícia tenho aqui duas presenças que pretendem entrar na celebração do centenário de Pai Américo: Uma, de perto de Ermesinde, duzentos mil, «fruto do meu trabalho e das minhas economias, pois se Deus me ajuda a mim, também eu tenho obrigação de ajudar os que precisam mais do que eu»; a outra, da longínqua Macau, cinquenta contos «para o que mais necessário for, mas gostaria, sendo possível, que fosse ajuda aos Autoconstrutores, que também estiveram no coração de Pai Américo». Duas presenças: justiça e delicadeza de mãos dadas!

E já agora, de novo, Ermesinde com «o fruto do primeiro trabalho que fiz em profissão liberal»: quinze mil escudos. E a mesma nota de delicada confiança: «Usem-no naquilo que for mais premente. Caso seja na ajuda a alguém que não tenha habitação, fico muito satisfeito».

E agora dois gritos de duas mãos aflitas: «Este dinheiro (cinco mil escudos) é para ajuda dos sem casa. Reze uma

oração pelo meu filho que é um desgraçado e faz-nos também». A outra, manda doze contos (e mais três para o jornal) e este desabafo: «Com quase 61 anos, tenho de trabalhar para vivermos honestamente, eu e um filho de 20 anos ainda sem trabalho, já que meu marido nos deixou há mais de quatro anos. Que Deus lhe perdoe e me dê saúde e coragem para continuar vivendo». Grandezas de alma que uma Fé viva sustenta!

Três remessas do que ao longo dos dias vão deixando no mealheiro do Sá da Bandeira somaram 260.200\$00. Mais cem mil, silenciosos, dentro de uma carta com um pequeno recorte d'O GAIATO.

Estamos no tempo das siglas. Também aqui elas não podiam faltar. Porém, aqui, não é por moda, é por modéstia, para que «a mão esquerda não saiba o bem que faz a direita!» É o J. P. R. com dois mil e o J. R. D. com outro tanto. É L. C. «com muito amor» e cinco mil. É M. M. com 4x15.000\$, com o que perfaz 665 contos, em favor da **Casa da Paz**. Desta sorte, são, na verdade, os construtores da Paz! É M. A. com vinte. E M. M. — A. L. com 6x5000\$. E M. L., em «migalhas» de todos os meses, dos últimos meses — com preces de desculpa quando há algum pequeno atraso — ficou em Março último, em 25 contos.

A **Casa Louvado seja N. S. Jesus Cristo** soma e segue com prestações mensais, de vinte contos. Além destas, quantas outras presenças anónimas no Espelho da Moda e no Montepio Geral, em Lisboa. Deste, as últimas recebidas andam a rasar as duas centenas.

Meia centena de um Engenheiro, da Parede, e «que Nosso Senhor os ajude». Uma dezena

de M. Lusa e Elísio. Três, da R. Eugénio de Castro, no Porto. Duas, do Manuel e M. José, que «com a ajuda de Deus temos a nossa casinha quase pronta».

Muitas sobras de pagamentos de assinaturas.

Nomes antigos que são recordados: «Cinco gotinhas para a **Casa de Sta. Filomena**».

Do Funchal, do Porto, de Gaia, da Quarteira.

Da «velhota» Júlia Soares. Da Dra. Felicidade, uma dúzia e meia quase todos os meses (se não todos...!). De Eduarda, da Maria Natália, da Maria Teresa, esta com «quanta saudade do tempo em que tinha tão pouco e cheguei a fazer a **Casa Avó Emam!** De um sacerdote, da Guarda, dez contos e de outro, do Porto, trinta.

De outro leitor, chocado com uma notícia no **desordeiro**, vinte. Dez vezes menos da Adelaide, de Fiães, certinha todos os meses. Cem, de Lisboa, «para re partir entre as Conferências, a Autoconstrução e as inúmeras necessidades da Casa». E este pedido tão repassado de amizade: «Dê-me notícias, sim? Gosto de saber como vai essa enorme família à qual me encontro ligada há quarenta anos».

E a Odete, de Almada, em princípio de Fevereiro: «Acabo de receber o vosso jornal que sempre leio de fio a pavio. A tônica dominante é a Autoconstrução. Quereis que ninguém fique indiferente a este apelo lançado, há tantos anos, pelo Padre Américo. A ideia é ótima e óptima será também que muita gente se sinta tocada por este assunto». E como ela se sentiu, enviou «com muito gosto» o que pôde, «com vontade de mandar muito mais».

Padre Carlos

Amiga, da Mougueira; Amiga, de Montemor.

Trinta mil, que Amigo, de Sarzedo, veio trazer; mil, mais mil de visitantes; trinta, de casal, de Coimbra; setecentos, de três Amigas, de Pinhel; dez mil, da Junta de Freguesia da Sé Nova. É nesta freguesia que está situado o nosso Lar de Coimbra. Boas relações. Carta da Amadora; vales, de Mira; dez mil, de jovem médico a oferecer-se; mãe e filhas vizinhas aparecem muitas vezes; dez mil, trazidos por «Ti João» e «Ti Prazeres»; Amiga, de Ca. baços; migalhas na Igreja de S. José; partilha dos peditórios na Igreja da Mealhada.

Caixas de figos e envelopes, de Amiga, de Alcorochel; Amiga, de Castelo Branco; Amigo, da Covilhã; Amigos, da Lousã; 3.500\$00 de Amiga, do Alto da Barra; Amiga, de Soure; dez mil, de Juiz, de Leiria; 1.500\$00, de duas Amigas, de Penacova; Amigos, de Vila Gosendo; Amigo, de Marinha das Ondas; mil, de Eiró; Amiga, de Lisboa; dez mil, de «um deficiente», de Proença-a-Nova; mil, de S. Pedro do Estoril; «lembrança da Senhora do calendário artístico»; cinquenta mil, para ajuda de casas para Pobres; casal das Meãs; o casal de Pereira do Campo; a Amiga, de Vilar Formoso; vinte mil, de Lisboa; Trabalhadora dos Hospitais; casal, de Figueiró dos Vinhos; 120 francos suíços; senhora, de 76 anos, de Amadora; cinco mil, de casal, na nossa capela; Amiga, de Castanheira de Pera, a lembrar a mãe; 37.321\$60, de grupo de cristãos portugueses, na Alemanha.

Quatro mil e duzentos, de aumento de pensão, de Amiga, da Figueira da Foz; 650\$00, de Damaia; 129.500\$00 e muitos embrulhos e os irmãos de S.

Francisco, de Tomar; mil, mais quinhentos, mais quinhentos, na Sé Nova; 500\$00, em carta, por «alma do querido Paizinho»; 5.500\$00 na caixa de supermercado, de Coimbra; Amiga, da Reboleira; Antonieta, de Tomar; mil, de quem dá boleia ao nosso vendedor. É sempre uma grande consolação ouvi-los contar o carinho de quem lhes dá boleia. Amiga, de Beja; Amigo, do Funchal; casal idoso, de Tomar; Amigos, de Pombal; quinhentos, mais dois mil, mais quinhentos, em casa de família amiga; outro casal que veio; 9.653\$50 em moedas trazidas numa saca. Os Rapazes ficaram encantados com a oferta.

Amiga, de Gouveia; as Amiguinhas de sempre: Maria Helena e Maria Isabel; 18.000\$00 da Chorosa, de «dois pecadores», num grande volume de envelopes e embrulhos, na Casa do Castelo, e a Maria Teresa a recomendar para «dar conhecimento»; Amiga, de Celorico da Beira; Amiga, de Febres; o nosso Bispo trouxe 120 francos suíços e parte do Contributo Penitencial de 1987 e sentou-se à nossa mesa; grupo vizinho; cinco mil, mais mil, mais mil, mais cinco mil, mais cem dólares, mais bolos e mimos na minha aldeia.

O casal amigo, de Santa Cita; Amiga, de Pombal; Amiga, de Cantanhede; Amigos, de Arganil; Amigo, de S. Sebastião de Penela; Amiga, de Chãs de Penacova; Amigo, de Sobreira Formosa; todos, e foram tantos, ao nosso Lar de Coimbra! Vieram muitos à nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

As contas, os vales, os cheques que o correio trouxe. Demos por tudo graças a Deus.

Padre Horácio

Calvário

■ O Senhor ressuscitou!

Foi a força e a explosão!

A certeza de Jesus Ressuscitado fez dos Apóstolos uma minoria de Deus com a força e grandeza do próprio Deus.

Eles tomaram consciência e transmitiram ao mundo a sua maravilhosa descoberta.

Acreditamos, plenamente, no poder das minorias quando elas têm a fé de Abraão e não se orientam pela «força dos cavaleiros».

Perdidos, como que diluídos, nas grandes cidades, alguns grupos de cristãos são verdadeiramente «minorias abraâmicas». Comunidades vivas... Não paróquias sem rosto... Comunidades de base. Base igual a semente e fermento.

Fé de Abraão e certeza dos Apóstolos!

O que nos falta? Pois, tomarmos consciência, sairmos de nós e caminharmos.

O rumo grandioso dos espaços de Deus!

Mas, vejamos, este rumo pode esconder-se nos serviços mais humildes prestados aos irmãos: Mudar fraldas; limpar ranhos; no perdão; no sorrir; na poderosa força do acolhimento; no testemunho vivo e contínuo do Senhor.

Em cada instante e cada lugar gritarmos a novidade: «Eu vi o Senhor!»

Não podemos, se não tivermos o rosto de Jesus... e o Seu rosto foi o mais humilde e sofrido diante de todos os outros rostos.

Não foi nem é o rosto que manda; o rosto que exige, domina e impõe. Foi e é um rosto que nos ama e acolhe na encantadora ternura do Seu olhar.

■ No mundo e nossa civilização, cada um capta em cada rosto a beleza, o nível

cultural, se é rico, se é pobre e o grau de utilidade para nós próprios.

Atrofiou-se a matriz da fé e do plano de Eternidade. Poucos lêem no rosto do outro o rosto de Deus — sempre belo e eterno.

Nasceram, hoje, estes pensamentos com a chegada do Benigno. Tem 34 anos. É deficiente profundo. Como ver o Senhor no seu sorriso infantil, vazio e encimado por um olhar sem expressão?!

O pai veio trazê-lo. Quanto chorou ao despedir-se, abraçado ao filho!

Como aquela mãe portuguesa, lembrei, que vindo de África passar férias a Portugal trouxe o seu «menino» — um rapagão de 25 anos e completamente anormal.

Viagem de avião, amigos a

Cont. na 4.ª pag.

SETÚBAL

Cont. da 1.ª pág.

— Mau!..., disse comigo próprio. Uma série de conjecturas tristes entrou no meu espírito. Calcei, à pressa, os sapatos, sem os atar; vesti o casaco e desci, correndo, as escadas para o corredor de baixo, em direcção à cozinha, junto da qual se encontra o telefone.

Os rapazes — combinados — aguardam, no referido corredor, ordens do chefe, para entrarem na capela, fazer a pequeníssima oração da manhã.

A meio do comprido e largo corredor, já de costas para a rapaziada, ouço o estrondo de vozes e gargalhadas perseguindo-me: — É o primeiro de Abril. É mentira. O Sepacilo caiu!..., etc....

Calvário

Cont. da 3.ª pág.

esperar, sem respeito humano; tão feliz na esperança de transmitir ao filho as alegrias das suas próprias férias.

O filho é parede branca onde ela, quotidianamente, desenha, primorosa e apaixonadamente, todo o seu amor de mãe!

São estas as autênticas minorias do Senhor que vencem e sustentam o mundo.

Padre Telmo

Livro «Correspondência dos Leitores»

«Recebi o livro «Correspondência dos Leitores» que é mais uma obra do Padre Américo. Como ele escrevia bem!» — exclama a assinante 2164, de Matosinhos, leitora desde 1944.

Continua: «Gosto muitíssimo de ter à mão um livro de Pai Américo. Todas ou quase todas as noites leio e sinto melhor, hoje, a sua imensa grandeza de cristão e, para mim, santo».

Remata: «Os votos de que seja publicado tudo quanto o Padre Américo escreveu e parabéns por este livro que tem muito, também, do que ele fez de bem — em nome do Senhor».

Só Deus sabe o sacrifício de Pai Américo para «fechar» as primeiras edições do GALATO, compensado pela largueza do Reino de Deus! Era tudo para todos... Tampouco usufruía silêncio para o ajudar! Linguados a meio, entravam de roldão pelo escritório... sem lhe quebrar a vela!... Sim, as boas novas ou arrelias também davam material de categoria! E, como «não tenho tempo de perder tempo» — dizia — em andanças, por lá, escrevia no comboio ou no avião... O GALATO tinha de sair, conforme brotava do coração.

Júlio Mendes

Café mesmo! Acreditei plenamente... O rapaz transmitira o hipotético recado com tanta convicção!...

A tragédia histórica deste dia dominava-me, por completo, apesar da maravilhosa manhã.

O «gozo» dos rapazes, em espontânea e familiar alegria atrás de mim, soou-me a cantos de aleluia em tonalidades de arrebatamento. Em Sexta-Feira Santa já saboreava a Páscoa.

O José (Carlos é de Lisboa. Abandonado aos cinco anos, foi recolhido com seu irmão gêmeo e irmãs, no Colégio de Santa Maria, dirigido por bondosas senhoras.

Nos primeiros tempos de gaiato, falava tanto do seu Colégio, mais o irmão, que ambos conquistaram a alcunha de «Colégios».

De cabelo loiro, face rosada e olhos azuis e um temperamento primaríssimo e nervoso que explode à mais insignificante «fáscia».

Com o irmão gêmeo entram, nesta Casa, rotulados de cargas negativas: Que ninguém fazia nada deles!... Que já haviam frequentado a escola normal, a especial, um colégio particular... E... que nada se conseguira. Que partiam tudo, que subiam aos telhados, que haviam deitado uma parede abaixo e fogo à barraca do pai... E mais e mais.

— Que os ensinasse a traba-

lhar no campo e a cuidar dos animais!...

— As pessoas sonham!...

— A realidade é outra.

— Ensinar quem não sabe ler, nem contar nem escrever!... Como?

— Fazer dele um serviço diminuído, facilmente dominado, futuramente, por indivíduos sem escrúpulos?

— Não!

— Escola.

E o José Carlos regressou à Escola.

Só ele, as professoras e eu sabemos quanto tem custado, mas o Zé passará, brevemente, a 4.ª classe com quinze anos!

No Verão de 86 ensaiou duas fugas até à Capital. Andou por lá uns dias, tendo regressado, sempre, num carro da polícia, com dois homens à paisana. Protestou, protestou que não queria estar nesta Casa, que se queria ir embora... Tratou-me por tu, ameaçando-me com palavrões do seu antigo reportório.

Na segunda vez, os rapazes tinham saído da sala-de-jantar e aglomeraram-se à frente da dita, curiosos, para observarem a cara do fugitivo fuzilando-o com olhares de troça. Ele espumava por todos os poros!... A malta fazia algazarra. O

Notas da Quinzena

Cont. da 1.ª pág.

queremos defendê-los o mais possível dos ataques directos e provocadores, dentro de nossas portas.

Quão profundo é o mal! Não há pessimismo na visão desta realidade. Perante ela, sentimo-nos mais comprometidos. Animados. Decididos. Queremos denunciar o mal destes abusos.

● Daqui a poucas horas, estaremos no Tribunal de Menores para receber mais um pequeno. É o Delfim. Tem família. É como se não tivesse. Anda por lá, perdido na rua, à espera da hora e da idade de entrar em mais uma cela das nossas cadeias. Só porque a Moral dos dez Mandamentos não foi respeitada. Esperamo-lo com a ansiedade do pai que aguarda à porta da casa o filho perdido e a caminho da morte, para o abraçar e lhe dar a vida. Vão chegar mais...

● Há dias veio uma carta para um dos nossos. Era de pessoa amiga da Casa que, em dia de visita, se conheceram e fizeram relações de amizade. Não sei se é casada ou solteira. O rapaz ficou tão contente que pediu-me que a lesse. Fi-lo, com interesse. Ele gostou. Eu, também.

«Prepara-te para que quando saíres da Casa do Gaiato e formares a tua família, teus filhos não venham a ter a mesma sorte que tiveste... Estuda. Trabalha. Escreve-me e fala-me dos teus problemas.»

● Contrastes. Alegrias e tristezas. A vida é tecida com estes fios. Sejam bem-vindos!

Padre Manuel António

carro policial não tinha qualquer distintivo. A polícia tinha-o tratado bem e o Zé sentia-se protegido. Os dois homens, ainda moços, arregalavam os olhos presenciando a cena.

Tinham-lhe fornecido sanduíches que ele segurava com as mãos contra o peito, fazendo regaço da camisa e desnudando o ventre.

A expectativa era enorme e o Zé convenceu-se que iria vencer! Que não ficava... que a Casa era uma... que ainda me havia de matar... Enfim...!

Os dois polícias demitiram-se absolutamente, dando-lhe força com o seu imperturbável alheamento. Nisto, atira as sanduíches ao chão e pisa-as, de raiva.

Não me contive, e... ali... diante de todos... impus-me, obrigando-o a apanhar os pães. Triste espectáculo que tanto me doeu!...

O Zé não tem facilidade intelectual, mas é possuidor de um terno coração!...

A pouco e pouco nos temos encontrado e alegrado com as suas vitórias!

Na escola tem progredido com visível esforço. É da obrigação da cozinha e desempenha-a com brio e generosidade. Nas vésperas do Natal oferecera-se para servir na cozinha, substituindo os outros gaiatos que faziam Retiro. Foi discreto e delicadíssimo.

Estas vitórias ganharam a minha confiança e a minha ter-

nura a ponto de se sentir à vontade para me pregar uma «petta» no primeiro de Abril. Aleluia! É tempo Pascal.

FESTAS

São um revigorar de alegria e de sonho que cai sempre bem na família de dentro e de fora. Os ensaios e os sacrifícios exigidos com a preparação do guarda-roupa e do programa tornam-se cada vez mais leves à medida que se aproxima a estrela. É a mensagem de um mundo novo que os galvaniza e nos apanha por dentro e por fora. Mundo novo que eles já são e projectam no dia de amanhã: semeando a Esperança. Quero ver as salas cheias!

ABRIL:

— Dia 16, às 21,30 h., QUINTA DO ANJO;

— Dia 29, às 21,30 h., Luisa Tody, SETUBAL;

— Dia 30, às 21,30 h., Humanitária de PALMELA;

— Dia 23, às 21,30 h., Salão dos Bombeiros Voluntários de Aguas de Moura.

MAIO:

— Dia 7, às 21,30 h., Salão Paroquial — Cova da Piedade;

— Dia 14, às 21,30 h., Sociedade das Cabanas — CABANAS.

Padre Acílio

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

Já demos conhecimento da constituição do novo elenco directivo para 1988/89.

É vontade firme de todos empreender um trabalho de conjunto para que a nossa Associação seja válida.

Com muita satisfação verificamos que os nossos Padres, da Casa-mãe de Paço de Sousa, nos dão apoio e, ao mesmo tempo, incentivam a fazermos tudo o que for possível para unirmos a numerosa família dos antigos Gaiatos.

Uma das primeiras acções a desenvolver: chamar ao nosso convívio todos os antigos Gaiatos que residam no Norte do País. Serão constituídos núcleos nas diversas localidades do Norte, onde tal se justifique. Para cada núcleo procuraremos um elemento disposto a colaborar, que tomará a seu cargo a respectiva organização.

A exemplo do que sucede em outras Associações, a nossa também tem sócios. A Direcção

anterior procedeu a uma campanha de inscrições e, nesta altura, temos cerca de 100. Muito pouco em relação às centenas de antigos Gaiatos espalhados pelo Norte do País! Fazemos mais um apelo aos nossos irmãos para que se inscrevam.

Com o apoio dos nossos Padres, será possível, brevemente, a constituição de uma Cooperativa, de construção de habitação própria para antigos Gaiatos que se mostrem interessados nessa modalidade.

Embora a Obra da Rua possa vir a ser o suporte do empreendimento, os nossos Padres preferem que sejam elementos da Associação a tomar a seu cargo o serviço administrativo da Cooperativa.

Existe entusiasmo, em ambas as partes, para que, a nível nacional, se resolva o problema que aflige muitas famílias de gaiatos, a um preço mais acessível do que no mercado normal.

Entretanto, contacta-nos e inscreve-te como sócio. Escreve para: Associação dos Antigos Gaiatos do Norte, Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Carlos Gonçalves



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. (065) 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel